



**No colo.** A chegada do bebê muda a rotina na unidade

**Cuidado.** Unidade é pioneira em São Paulo em abrigar presas gestantes; atualmente, penitenciária tem 792 presas

**MÃES** GESTANTES CONTAM TRAJETÓRIAS DE FLERTE COM O CRIME E ARREPENDIMENTO DEPOIS DO NASCIMENTO DE SEUS FILHOS

# DO CRIME AO PARTO: BEBÊS QUE NASCEM NA PRISÃO

‘Ser mãe é padecer no paraíso’, sentencia o ditado. Imagine quem é mãe dentro de uma penitenciária

O que se passa na cabeça de uma presa quando ela ganha um bebê em pleno cárcere? Ela pensa no futuro? Revive o passado? Ou importa-se apenas com o presente, com a sobrevivência dela e de sua criança?

Todas essas alternativas são verdadeiras.

E quem garante é Daiana Reis, 22 anos, presa há sete meses na Penitenciária Feminina 2 de Tremembé por um caso de homicídio, do qual ela diz ter ‘caído’ por causa do marido, que também está preso.

“Aqui a gente reflete bastante, porque a noite é longa. Mas às vezes isso não serve e a pessoa sai e volta a fazer o mesmo. Tem que ser mulher sábia, não

tola. Dar valor aos filhos, à fé, à mãe”, afirma a presa, segurando o filho de poucos dias no colo.

Após o parto, ela e outras parturientes entraram na rotina da ala especial para atendê-las na penitenciária. “Nosso dia a dia é tranquilo, uma ajudando a outra conforme dá e as coisas vão caminhando”.

Ela recebe, a cada quinzena, a visita da mãe com a filha de 5 anos, a quem ela não poupa conselhos. “Converso bastante com ela, que é compreensiva. Ela conheceu o irmão e ficou muito feliz. Ele vai ficar com a minha mãe. Minha mãe me ajuda e nunca me deixou”.

Também é a mãe quem dá apoio a Patrícia Reis, 36 anos, de Taubaté, que está presa em Tremembé por um caso de homicídio associado ao uso de drogas. Ela conta os detalhes do roteiro de terror.

“Estava usando droga numa casa e um cara ia me estuprar, e o pessoal deu uma garrafada nele. Eu dei umas facadas, e ele morreu. Estava drogada, mas se não tivesse me defendido eu poderia ter sido a vítima. Só que se eu tivesse ido para casa, ao invés de usar drogas, nada tinha acontecido”, admite.

Mãe de quatro filhos – os três mais velhos ficam com a mãe e uma familiar –, ela diz que mudou de vida mesmo antes de ser presa, e que o cárcere

é uma espécie de “caminho torto” indicado por Deus para que ela mude de vida.

“Mudei de vida, e parece que tudo se torna mais difícil. Na metade do ano passado saiu mandado de prisão, e eu estava grávida. Achava que Deus estava agindo para que eu mudasse de vida. Deus está me livrando de algo lá fora. Para mudar a minha cabeça”.

Atualmente com 27 anos e uma recém-nascida, Aline Silva foi presa há dois anos com 10 quilos de maconha em uma rodovia. “Estava passando dificuldade. É minha primeira passagem. Vim com 8 meses de

gravidez para cá e foi difícil”.

O nascimento da menina, segundo ela, reforçou o desejo de escolher um outro lado da vida, muitas vezes o mais difícil. “É a primeira vez e última, e agora não quero mais. Tenho que pagar o que devo. Primeira vez foi um baque e é mais suficiente para eu não querer esse caminho”, diz ela.

Para Aline, a prisão foi a mais dura lição que tomou, e quer aproveitá-la para educar os filhos –ela tem quatro. “Explico tudo para ela [filha mais velha], que a mãe tinha feito o que não era certo, que ela não precisa disso nunca”. ■

## JUSTIÇA

### ‘Defensoria luta pela liberdade dessas mulheres’, declara defensor público

**LEI.** Há 12 anos na Defensoria Pública, metade desse tempo atuando na Vara de Execuções Penais, o defensor público Saulo Dutra de Oliveira diz que a luta da instituição é por garantir que mulheres grávidas, parturientes ou com filho até 12 anos respondam ao processo em liberdade.

A medida foi garantida por habeas corpus coletivo aprovado pelo STF (Supremo Tribunal Federal), mas já era prevista

em lei. Na região, 69 presas já foram beneficiadas.

“Se ainda não há formação de culpa não faz sentido mantê-las encarceradas. O foco principal é na liberdade, apesar de reconhecer os avanços [da ala para gestantes na P2 de Tremembé]”. Segundo Oliveira, devem ficar na prisão apenas mulheres com crimes graves, mas essa não é a realidade do sistema. “Há mais casos de pequenos tráficos e furto e roubo”, diz. ■



“A presa grávida entra num novo momento de fragilidade emocional. Acompanhamos de perto”

**Thiago Luis da Silva**  
Psicólogo da P2 de Tremembé